
O Tempo dos Meios: Uma reflexão sobre o Arquivismo na plataforma Instagram¹

Letícia Porfírio²
Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

No cenário atual, permeado pela discussão da aceleração nas mídias sociais digitais, considerar o passado pode parecer incomum. Contudo, este texto procura transcender o imediatismo, questionando e oferecendo uma perspectiva alternativa. Busca-se destacar o papel das plataformas digitais em preservar memórias pessoais. A pesquisa revisita autores que exploram a experiência do usuário, a formação de uma memória social e o sentido do compartilhamento em um ambiente digital. Esse estudo convida à reflexão sobre a capacidade das mídias sociais em não somente representar o presente, mas também em servir como um repositório de narrativas pessoais e coletivas ao longo do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Temporalidade; Mídias Digitais; Arquivismo.

Introdução

Nos estudos da comunicação é muito comum se deparar, em algum momento, com a reflexão de que a tecnologia e os meios de comunicação são uma forma de extensão do homem. Apesar dos avanços epistemológicos sobre essa afirmação específica, existe um ponto que pode iniciar a discussão deste artigo: a capacidade das mídias digitais de armazenar e processar níveis do real que antes eram inacessíveis à percepção humana (KITTLER, 2017, p. 2).

Com ferramentas presentes dentro de plataformas digitais, viabilizaram-se inúmeras atividades que antes não eram possíveis ou passavam por um processo diferente, como o arquivamento de memórias pessoais. Enquanto anos atrás era comum a escrita de momentos cotidianos em um diário íntimo, isso tornou-se público com a criação de weblogs, fotologs e videologs (SIBILIA, 2008, p. 12). Um caderno ou uma agenda eram capaz de guardar algumas páginas de confissões, enquanto um blog pode guardar uma

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda de Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, e-mail: leti.porf@gmail.com

quantidade infinita de textos, fotos e vídeos, tornando-os mais simples de serem acessados e lembrados (OZKUL; HUMPHREYS, 2015).

Ao mesmo tempo, a capacidade maior de armazenamento fez com que cada vez mais lembranças fossem arquivadas em pastas e nuvens, ilustrando uma obsessão humana pela memória e o medo do esquecimento (HUYSSSEN, 2000, p. 19). Viver não é suficiente: é preciso lembrar.

A hipercomunicação e o grande fluxo de informações que circula nos meios digitais cria a noção de aceleração e de que a temporalidade é o presente, passando pelo efêmero (MAGRINI e HADLER, 2022). Efêmero, que vem do grego *ephémeros*, se refere a algo que dura apenas um dia. Antigamente era utilizado para se referir à “brevidade e à fragilidade da vida humana” (MACÊDO, 2019, p. 27). É uma experiência de tempo.

A ferramenta de *stories* do Instagram foi lançada com uma premissa efêmera: a ideia era que as fotos e vídeos durassem apenas 24 horas dentro da plataforma, se autodestraindo após esse período. No entanto, quando surge o ‘arquivo de stories’, possibilitando o acesso a imagens já publicadas, no intuito de “dar vida” a elas com um destaque no perfil (INSTAGRAM, 2017), a questão principal deixa de ser o que é efêmero. As publicações passam a não ser apenas presentistas (eram autodestrutivas) para tornar-se parte de um arquivo pessoal de lembranças. Então, questiona-se qual o intuito dessa nova possibilidade.

A seguir, alguns tópicos serão levantados a fim de refletir sobre o arquivismo, a temporalidade e o compartilhamento de imagens na plataforma Instagram, com foco na ferramenta de *stories*.

Vidas arquivadas

O ‘arquivo’ é um conceito amplamente disseminado e que será bastante trabalhado ao longo desse estudo, que inicia-se portanto com uma definição do seu significado:

“um conjunto orgânico de documentos, independentemente da sua data, forma e suporte material, produzidos ou recebidos por uma pessoa jurídica, singular ou colectiva, ou por um organismo público ou privado no exercício da sua actividade e conservados a título de prova ou informação.” (BALCKY, 2011, p. 9).

O arquivo surge como uma função administrativa, após a popularização da escrita. A transmissão de memória deixa de ser feita apenas através da oralidade e passa a ser feita também por suportes externos ao ser humano (LE GOFF, 1994). Com o tempo começa a ser utilizada não só para guardar informações de organizações, mas também representações afetivas em nível pessoal (BALCKY, 2011, p. 9). Guardar lembranças de um tempo já vivido com objetos, textos e, principalmente, imagens. A possibilidade de arquivar surge antes da era digital, mas é fortemente influenciada pelo avanço tecnológico, uma vez que a capacidade de armazenar e processar dados se amplia (KITTLER, 2017).

Naturalmente, uma nova tecnologia “introduz mudanças de escala, velocidade e padrão nas atividades humanas” (FISCHER, 2013, p. 49). A facilidade do arquivo digital contribuiu para uma sociedade contemporânea que parece obcecada com a memória, alimentando uma espécie de mania arquivística que permeia tanto a cultura quanto a evolução tecnológica (COLOMBO, 1996, p. 17), combinada com o medo do esquecimento e da possibilidade de um passado apagado (SIBILIA, 2008, p. 155). Esses comportamentos se complementam, tornando a capacidade de arquivamento algo importante tanto para as plataformas quanto para a experiência do usuário.

É importante entender que as mídias digitais não surgem com uma proposta inovadora única. Na verdade, elas passam por um processo conhecido como remediação (BOLTER; GRUSIN, 2000), no qual cada novo meio de comunicação herda características dos meios anteriores a ele. Isso pode ser aplicado dentro ou fora da digitalidade das mídias. Por isso vemos funções que antes eram totalmente materiais, como o arquivo, agora no meio digital.

Se analisarmos as primeiras mídias sociais digitais criadas, haviam duas propostas principais. A primeira, era de se conectar com as pessoas, como Classmates e SixDegrees, que se encaixa na definição de Deuze (2012, p. 12) para mídia: “sistemas (simbólicos ou tecnológicos) que habilitam, estruturam ou amplificam a comunicação entre as pessoas”. A segunda, era de diário ou arquivo pessoal, como o caso do Fotolog, agora indicando uma necessidade de se fixar a um determinado tempo. Essa é a categoria que será considerada para a presente discussão.

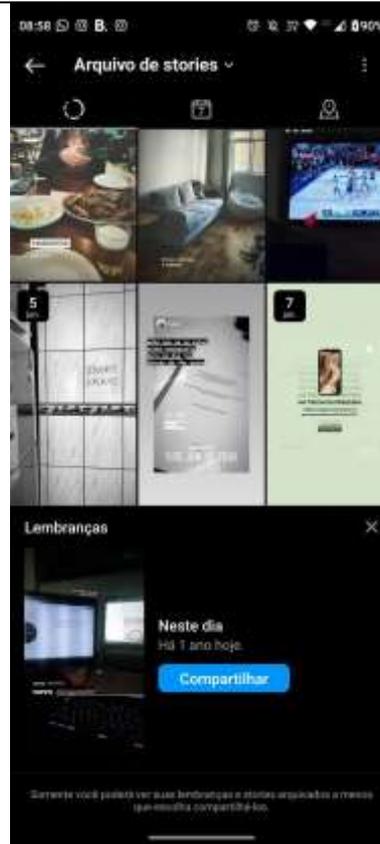
As duas questões principais (e iniciais) são: como é possível explicar a mania arquivística na contemporaneidade e quais funcionalidades das mídias sociais digitais facilitam esse comportamento.

Das memórias

Partimos da informação de que não é possível ter contato com um passado que não foi mediado (KUHN, 1995) e que a retomada de um acontecimento é um “trabalho de memória” (KUHN, 2000). Ou seja, temos um trabalho mental de lembrar e reconstruir algo que já aconteceu e rerepresentamos essa memória utilizando um meio (seja a fala, a escrita, a fotografia, entre outros). Lembrar é recolocar uma história do passado em um lugar presente, para re-experienciar um lugar passado (CASEY, 2000, p. 201).

Para Nora (1989), as mídias são lugares que seguram as nossas memórias. Avaliando diretamente as mídias sociais digitais, podemos perceber essa característica: elas se alimentam de fotos, textos, opiniões, momentos e dados de uma forma geral, para poder organizar e arquivar, tornando tudo memória. É importante ressaltar também que o usuário costuma ter fácil acesso a esses materiais, podendo acessar sua ‘linha do tempo’ ou ‘arquivo’ (a nomenclatura varia de acordo com a plataforma).

Algumas mídias digitais tornam esse tipo de re-experiência do passado uma vivência comum dentro da lógica da plataforma. O Fotolog era um exemplo que priorizava o comportamento, uma vez que tinha como proposta ser um lugar para armazenar uma fotografia diariamente (RECUERO, 2007, p. 5). O Instagram ainda reserva a memória dentro da aba de ‘arquivo de stories’, que guarda um calendário desde dezembro de 2017 (quando surgiu esse espaço) e costuma sugerir uma publicação antiga, que ocorreu no mesmo dia, mas anos atrás, para ser compartilhada.



Fonte: Compilação da autora.

Ao clicar no botão para compartilhar, é possível repostar a lembrança com dois dizeres: ou com um escrito ‘Lembranças’ seguido da data completa da publicação original ou com ‘Neste dia’ seguido do ano. É um deslocamento de uma memória do passado para o presente, revivendo-a.

Além disso, como citado anteriormente, cada usuário pode optar por criar uma espécie de álbum de lembranças que fica fixado no seu perfil e leva o nome de ‘Destaques’. São os primeiros tipos de publicação que aparecem para quem acessa o perfil de uma pessoa.

Tanto o ato de repostar, já sugerido pela própria ferramenta, como a criação de ‘Destaques’ demonstra que o fator do arquivo não é apenas pessoal. É uma nostalgia criada para ser compartilhada, e o Instagram facilita essa realidade.

A breve história dos *stories*

De uma forma resumida, a ferramenta de *stories* possibilita publicar conteúdos que ficam acessíveis por apenas 24 horas. Eles ficam disponíveis já no topo da página

inicial do aplicativo Instagram (nomeada feed), o que demonstra que dentro da lógica da plataforma é importante que o usuário consuma essas imagens primeiramente.

A ferramenta surgiu no Instagram em agosto de 2016, mas esse formato já estava disponível em outro aplicativo, chamado Snapchat. O Snapchat é uma mídia social digital que segue a lógica autodestrutiva (Bayer et al., 2016) e efêmera, diferentemente do Instagram, que disponibilizava todas as imagens já publicadas no perfil do usuário. A aplicação dessa ferramenta ia na contramão da temporalidade dessa mídia social digital: o Instagram não é de natureza efêmera.

A questão da imagem

Voltando um pouco para avanços tecnológicos um pouco mais antigos, temos a fotografia e a captura de imagens, que são essenciais para essa discussão, uma vez que estamos analisando uma mídia social digital que tem como atividade central o compartilhamento de imagem. Para Walter Benjamin a fotografia foi "a primeira técnica de reprodução verdadeiramente revolucionária" (BENJAMIN, 1986, p. 171). A digitalização desse processo também foi bastante revolucionário, principalmente com os *smartphones* com câmeras acopladas, que implicaram "novas possibilidades estéticas, novas maneiras de ver imagens e, sobretudo, de compartilhá-las" (FRANZOLOSO, 2022, p. 3). Ter uma câmera em um aparelho que é naturalmente utilizado várias vezes durante o dia e que está sempre em bolsas e bolsos altera seu uso: agora é mais simples registrar momentos cotidianos.

A facilidade ainda vai além da fotografia, uma vez que a existência de aplicativos para manipulação e compartilhamento de imagem podem ser utilizados no mesmo dispositivo. Todo esse processo altera a relação do usuário com as imagens. Para Flusser (2007), uma vez que as imagens se tornam cada vez mais transportáveis, os receptores se tornam cada vez mais imóveis. O volume de fotografias tiradas e o volume de distribuição que possuem nos dias atuais leva ao esquecimento, uma vez que são "curtidas e esquecidas no fluxo incessante de sucessão no qual são produzidas" (SILVA JUNIOR, 2015, p. 11).

Ao mesmo tempo em que o usuário se utiliza do compartilhamento fotográfico para arquivar o presente, existe uma tendência ao esquecimento. Diferentemente de máquinas, não se possui a capacidade de processar e lembrar de uma grande quantidade de informações.

O que existe

O Instagram é uma mídia social digital que tem como foco o compartilhamento de imagens (LEMOS; DE SENA, 2018, p. 7) tornando-se naturalmente mediadora de um processo de exposição. Compartilha-se uma fotografia ou vídeo publicamente ou para um grupo de pessoas para ser visto. Na contemporaneidade, para que algo tenha valor é necessário que haja exposição, porque o que não é visto não é, no sentido de *ser* (HAN, 2017, p. 27). Nesse caso específico, *ser imagem para o outro*.

A exposição acontece por diversos fatores, mas um deles tem ligação direta com a cultura de consumo. Dentro dessa lógica, o sujeito e o seu ser-no-mundo (o *Daisen* heideggeriano) se tornam um objeto-propaganda (HAN, 2017, p. 33), pronto para ser consumido. As plataformas são construídas de forma colaborativa, tornando o usuário um consumidor e distribuidor de conteúdo (KRAUSE, 2021, p. 2). A subjetividade torna-se a exposição da intimidade e a espetacularização da personalidade. A questão não é mais a introspecção, mas sim um retorno externo (SIBILIA, 2008, p. 115-116). O ato de compartilhar não surge para comunicar conteúdos considerados importantes, mas sim por um êxtase de conexão (SODRÉ, 2014, p. 116).

Por outro lado, entende-se também que “somos o que recordamos, ou somos o que nossa memória registra de nós mesmos” (MICHELON E TAVARES, 2008, p. 19). Aqui é possível unir a ideia de que para *ser* é necessário criar memórias, ao mesmo tempo que também é necessário compartilhar.

Com isso, conclui-se que a exposição de uma memória é importante para o indivíduo *ser*. É um entendimento do seu *eu*, quando inserido em um contexto social (nesse caso, digitalmente). A memória em si, quando guardada ou recordada apenas pelo indivíduo, sem compartilhar, pode ter outro significado.

Conclusão

A memória não é apenas uma questão biológica, mas também social, já “que perpassa o modo como agimos e como observarmos o mundo” (PIRES, 2015, p. 2). Não é uma questão apenas de individualidade e introspecção, mas a percepção e inserção do *eu* na história.

A fácil produção de imagem nos dias atuais auxilia na percepção do que há ao redor e como o eu se encaixa nesse cenário. Ela facilita também o processo de re-

experienciar momentos já vividos tornando-os “uma massa consistente de lembranças” (HALBWACHS, 1990, p. 28).

Essa re-experiência não passa apenas pela contemplação individual de imagens pessoais: o compartilhamento em mídias sociais digitais a torna uma memória coletiva e um ato de cunho social, pois se encontra agora exposto para receber interações de terceiros. Algo que antes era considerado apenas documental e solene (PIRES, 2015) agora carrega também uma vontade de ser visto, curtido e comentado.

Nessa breve revisão sobre memória e arquivos digitais, percebe-se que a discussão poderá ser bastante extensa. Este artigo representa o início de um estudo mais longo, que analisará os diferentes significados da memória digital.

Já se entende a necessidade de criar argumentos sobre as plataformas em si. O Instagram (discutido neste trabalho), apresenta ferramentas que possibilitam o compartilhamento de imagens do *passado*, mesmo sendo um espaço de *presente*. Diversas outras mídias sociais digitais apresentam arquivos de dados que podem ser consultados pelos usuários, tanto para um uso individual quanto para compartilhamento. Seguindo a lógica do pensamento sobre exposição segundo Han (2017), a relação do usuário com a imagem é diferente quando ele consegue compartilhar com outros. Quando uma memória individual se torna uma memória coletiva, por mais próximas que sejam (HALBWACHS, 1990), cria-se outro significado para ela.

Por mais comum que seja a discussão da aceleração de mídias sociais digitais, é necessário encaixar esse tema dentro dos seus limites. Uma plataforma de compartilhamento de conteúdo não diz apenas sobre o tempo presente. A quantidade de informação distribuída não deve ser encaixada apenas em questões da capacidade (ou não) de processamento da mente. Os conteúdos produzidos no presente são armazenados no ciberespaço: essa é uma capacidade de processamento que também devemos avaliar. Além da questão da quantidade e do avanço tecnológico relacionado a este fato, também se questiona: por qual motivo é necessário guardar todas essas informações? É por um medo de esquecer ou por uma necessidade de lembrar (ou os dois juntos)?

Por mais acelerado que o mundo pareça, por mais que mídias sociais digitais instiguem a publicar sobre o que está se fazendo no momento, o usuário ainda parece encontrar conforto naquilo que já passou.

Referências bibliográficas

- BALCKY, L. F. **O arquivo na era digital**. 2011. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- BAYER, J. B., ELLISON, N. B., SCHOENEBECK, S. Y., & FALK, E. B. **Sharing the small moments: Ephemeral social interaction on Snapchat**. *Information, Communication & Society*, 19(7), 956–977, 2016.
- BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. **Remediation: understanding new media**. Cambridge: MIT, 2000.
- CASEY, E. **Remembering: A phenomenological study (2nd ed.)**. Bloomington: Indiana University Press. 2000.
- COLOMBO, F. **Arquivos imperfeitos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- DEUZE, M. **Media Life**. Cambridge: Polity Press, 2012.
- FISCHER, G. **Tecnocultura: aproximações conceituais e pistas para pensar as audiovisuais**. In: KILPP, S.; FISCHER, G. (org.). *Para entender as imagens: como ver o que nos olha?* Porto Alegre: Entremeios, 2013.
- FLUSSER, V. **Linha e Superfície**. In: *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FRANZOLOSO, L. F. **O Instagram Como Dispositivo De Imagens: Uma Máquina De Ordem Seis?**. Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. João Pessoa, PB: 2022. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/060220221117556298c69357483>>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.
- HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- HAN, Byung-chul. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2017.
- KITTLER, F. **Real time analysis, time axis manipulation**. *Cultural Politics*, v. 13, n. 1, p. 1-18, 2017.
- KRAUSE, R. F. S. **“Você não tem espaço suficiente”: do descarte material à busca de atualização da memória digital, uma reflexão arqueológica sobre os smartphones**. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. Juiz de Fora, MG: 2021.
- KUHN, A. **Family secrets: Acts of memory and imagination**. London, UK: Verso. 1995.
- KUHN, A. **A journey through memory**. In S. Radstone (Ed.), *Memory and methodology* (pp. 179–196). Oxford, UK: Berg. 2000.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. 3a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- LEMONS, A.; DE SENA, C. **Mais livre para publicar: efemeridade da imagem nos modos “Galeria” e “Stories” do Instagram**. *Revista Mídia e Cotidiano*, Artigo Seção Temática, Volume 12, Número 2, Agosto de 2018. Disponível em: <<https://Periodicos.Uff.Br/Midiaecotidiano/Article/View/10035/8493>>. Acesso em: 08 ago. 2023.
- MACÊDO, L. C. S. **Poéticas do efêmero: novas temporalidades em rede a partir do Instagram Stories**. 2019. 145 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.
- MAGRINI, A. H.; HADLER, R. **Influências da efemeridade das comunicações nas mídias sociais no processo de posicionamento de marca**. *DESTARTE*, v. 11, n. 2, p. 48-76, 2022.
- MICHELON, Francisca Ferreira; TAVARES, Francine Silveira (ORGs.). **Fotografia e Memória: ensaios**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2008.
- NORA, P. **Between memory and history: Les Lieux de memoire**. *Representations*, 26, 7–24, 1989.
- OZKUL, D.; HUMPHREYS, L. **Record and remember: Memory and meaning-making practices through mobile media**. *Mobile Media & Communication*, Online Fir. doi:10.1177/2050157914565846. 2015.

PIRES, G. T. S. **Fiz para você: rastros da memória nas vídeomontagens do Instagram.** Anais do 10º Encontro Nacional de História da Mídia. Porto Alegre, RS: 2015. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1kat-sjuKjd9CXDUTNwW15NfvWzjVPb7H/view>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

RECUERO, Raquel. **Tipologia de redes sociais brasileiras no Fotolog.** com. In: E-Compós. 2007.

SIBILIA, P. **O show do eu: A intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA JUNIOR, J. A. **O segundo clique da fotografia. Entre o registro do instante e instante compartilhado.** Anais do 38º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, RJ: 2015. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1924-1.pdf>>.

SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.